**Saúde e medicina popular: as rezas como cura.**

Cecília Mariana Filgueiras Dantas - UFRN

*marianacecilia99@icloud.com*

Naiara Oliveira Dutra - UFRN

*naiara.oliveira.124@ufrn.edu.br*

Pabricio Fernandes Medeiros – UFRN

*pabriciofernandes2015@gmail.com*

Juciene Batista Felix Andrade - UFRN

[*jucieneandrade@yahoo.com.br*](mailto:jucieneandrade@yahoo.com.br)

**INTRODUÇÃO**

Há bastante tempo o conceito de saúde é discutido na sociedade, bem como o conceito de doenças. São problemas existentes na sociedade humanas, porém, seus conceitos, entendimentos foram se modificando ao longo do tempo. Antes da formação do conceito de saúde na forma cientifica, as pessoas sabiam identificar quando estavam doentes, principalmente por não se sentirem bem fisicamente. Existiam sintomas que guiavam as pessoas a perceberem alterações nos seus corpos, sensações diferentes, neste sentido. Com o surgimento da saúde pública, derivou-se o conceito de saúde na sociedade, sendo então essa teoria criada recentemente.

A medicina “válida” para a maioria das pessoas é aquela conhecida por meio da ciência, que obtenha comprovação cientifica, diferentemente da medicina popular que de acordo com os autores Luiz Humberto de Souza, Generosa Sousa, Claúdio Lúcio, Josinete de Souza, em um estudo sobre medicina popular e a força da tradição, realizada no ano de 2007, a medicina popular está presente no Brasil desde o período colonial, na utilização de vegetais e plantas, que atualmente são comprovadas cientificamente como medicinais, conhecimento esse que se deve aos indígenas e também aos negros escravizados no Brasil nesse período. Felizmente em algumas regiões do mundo a prática da medicina popular é considerada uma “medicina”, devido as suas comprovações serem reconhecidas pelos profissionais de áreas como medicina, farmácia, química etc., inclusive utilizando plantas, ervas e outros meios da medicina popular como tratamento para muitas doenças.

Como mencionado acima, hoje sabe-se que um dos povos mais conhecedores dessas práticas são os indígenas que utilizaram dos meios da natureza para prevenir e curar os males e doenças que atingiam e atingem as pessoas. Assim como os africanos, e por isso as religiões de matrizes africanas utilizam tanto os banhos, as ervas, as plantas.

É dito que esses conhecimentos que se tem atualmente sobre tantos modos de prevenções e curas deve-se aos indígenas e aos africanos escravizados no Brasil durante o período colonial. Uma lástima ainda ser tão forte e tão presente o preconceito na sociedade, o que impede a expansão desses conhecimentos que são válidos, como mencionado anteriormente e alguns até comprovados cientificamente.

Algo importante que deve ser ressaltado é que esses conhecimentos foram e são repassados de geração para geração, sendo uma tradição familiar, principalmente nas tribos indígenas espalhadas não só no Brasil, mas no mundo.

**MATERIAIS E MÉTODOS**

A pesquisa foi realizada em conversar informais com dona Tica, a memória da rezadeira foi o principal substrato que guiou minhas reflexões com ela, pude adquirir inúmeros conhecimentos, além dos que eu já havia vivenciado e escutado pelos mais velhos da família. Por meio dela, pude me aprofundar no assunto sobre a medicina popular no Brasil, especialmente no Nordeste e consegui utilizar fontes ricas em conhecimento sobre as rezas entender melhor como essas práticas funcionam, relacionando com a medicina cientifica.

**RESULTADOS**

As rezas são práticas muitos comuns no Nordeste inteiro para curar algumas doenças. Dentre elas, uma que é popularmente conhecida por “quebranto”, um mal de ordem espiritual, onde as crianças são mais vulneráveis, especialmente os bebês, devido não serem batizadas ainda, e por serem consideradas de acordo com o cristianismo, seres puros, de almas puras e sem pecado, sendo mais vulneráveis espiritualmente e consequentemente fisicamente. Essas rezas são comuns no Nordeste a várias décadas e uma curiosidade é que as rezadeiras(os) dizem se o “quebranto” foi colocado por homens ou mulheres. Essas rezas também são comuns para curar diversas doenças além do quebranto, como por exemplo o chamado “ventre caído”. É muito comum escutar dos mais velhos que não é bom jogar as crianças para cima, especialmente as que tem menos de um ano para que o “ventre” dela não caía. Quando esse “ventre” cai, as crianças ficam mais vulneráveis e apresentam sintomas bem parecidos com os do quebrante, daí os pais levam as crianças para essas rezadeiras para que elas tragam de volta o ventre da criança. As rezadeiras também rezam em pessoas que ficam com espinhas de peixe na garganta, rezam com o intuito que essa espinha consiga ser retirada com facilidade, dor de dente etc.

Existem também as rezadeiras que são conhecidas por encontrar coisas perdidas ou furtadas em que elas dizem onde está objeto. É muito comum na região Nordeste as pessoas perderam objetos de ouro e tem um ditado que diz que o “ouro se encanta” ou “abriu no chão e fechou-se”, que quer dizer que ele simplesmente sumiu daquele local, ou está ali, mas devido a forças maiores a pessoa não consegue encontrar.

Essas rezas são passadas de pais para filhos, muito comuns até os dias de hoje. É um costume muito presente no dia a dia dos nordestinos, acredito que especialmente no interior, com exceção da Bahia, tendo em vista a cultura de lá e que as religiões de matrizes africanas têm uma força maior naquela região.

Diferentemente da Umbanda, candomblé, essas rezas, segundos as próprias rezadeiras(os), relatam que estão ligadas ao catolicismo, a maioria por aqui se declara como católicas(os). Essas rezas podem ser feitas em qualquer lugar, não necessariamente precisando ser um local específico, necessita apenas de três ramos de qualquer planta. Uma curiosidade bem interessante, é que pelo menos por aqui, não é cobrado dinheiro ou alguma recompensa, pelo contrário, as pessoas sequer podem dizer obrigada(o), pois, segundo elas, a reza não vale caso haja algum tipo de agradecimento.

O discurso utilizado pela maioria dessas rezadeiras é voltado para religião católica, principalmente devido ao receio ao preconceito e aos julgamentos. Por isso é crucial tentar diferenciar da melhor forma possível as rezadeiras das chamadas feiticeiras e catimbozeiras.

Muitas pessoas confundem as rezadeiras com as “feiticeiras”, conhecidas por aqui devido as práticas que são mais parecidas com as religiões de matrizes africanas, por isso são malvistas, sofrem mais preconceitos que as demais.

Existem várias formas e maneiras de rezar, embora tenha um ritual, mas cada uma faz à sua maneira. Pelo menos na cidade de Belém do Brejo do Cruz, na Paraíba, as mais conhecidas rezam com qualquer tipo de planta. Usam apenas os chamados três ramos, juntam um ao outro e iniciam a reza fazendo o sinal da cruz. Com isso, pode-se perceber que está prática está ligada ao catolicismo. Embora seja possível perceptível em algumas falas e sinais que essas práticas vêm do catolicismo, a maioria delas não sabem explicar como derivou e o porquê, elas apenas sabem rezar, devido, como mencionado anteriormente, ser um costume passado de pais para filhos. Essas rezadeiras geralmente já são idosas, e infelizmente essa cultura já não tão comum e não é mais passada de geração a geração como antigamente.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Todos os esses conhecimentos mencionados foram adquiridos por meio testemunhos orais, em conversas informais e fatos vivenciados por mim e pela minha família. A rezadeira mais conhecida pela região onde fui criada e a qual rezou em mim e em muitas outras crianças, jovens e também adultos da minha família, atende por dona Tica, uma senhora de origem humilde, mas que carrega consigo muitos conhecimentos sobre essa prática, além da sabedoria em seus discursos de vida em geral.

Durante a pesquisa, pude trabalhar algo crucial para qualquer pessoa, no meu entender, a memória. Revivi uma parte da minha infância, rememorando alguns acontecimentos, como percebi, algo que já havia refletivo, o quão importante é a história como uma prática na família, sendo vivenciada e contada no cotidiano. Tais rezas existem até devido a essas memorias, dessas pessoas que viram e ouviram seus antepassados fazerem e ensinarem aos seus descendentes, costume esse que infelizmente não tem mais a mesma importância, por isso, raramente pode-se ver essa tradição sendo passada adiante.

**PALAVRAS-CHAVE:** Medicina Popular; Memória; Rezadeiras; Processos de Cura.

**AGRADECIMENTOS:**

Agradeço a professora Juciene Andrade que me auxíliou nesse processo, também ao professor Cristiano de Brum, que me incentivou a fazer a pesquisa, assim como os demais colegas que estiveram junto comigo nesse desafio tão prazeroso.

**Referências**

SCLIAR, Moacyr. **História do conceito de saúde**. PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, n. 17, p. 29-41,2007.

SOUZA, L.H.; RIBERIO, G.S.; AMARAL, C.L.F.; ALVES, J.S. Plantas na medicina popular: a força da tradição. **Memorialidades**, Santa Catarina, V. 1 n. 2. p. 22-26, 2014.